

Resenha do livro **De como a Literatura para a Infância e a Juventude “é chamada à guerra”**: reflexões sobre os conflitos bélicos na Galiza e em Portugal

Lucila **Bassan Zorzato**

Berta Lúcia **Tagliari Feba**

FERNÁNDEZ, Mar; MACEDO, Ana Cristina; MOCIÑO, Isabel; RAMOS, Ana Margarida (Coord.). **De como a Literatura para a Infância e a Juventude “é chamada à guerra”**: reflexões sobre os conflitos bélicos na Galiza e em Portugal. Porto: Tropelias & Companhia, 2015.

O livro, intitulado **De como a Literatura para a Infância e a Juventude “é chamada à guerra”**: reflexões sobre os conflitos bélicos na Galiza e em Portugal, sob a coordenação de Mar Fernández, Ana Cristina Macedo, Isabel Mociño e Ana Margarida Ramos, é resultado do trabalho de pesquisa de um grupo de estudiosos – “Tematología y Métodos. Las guerras en la narrativa juvenil en el Marco Ibérico” – e de reflexões realizadas em um evento científico promovido pela Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico do Porto, em dezembro de 2014, para abordar o centenário da I Grande Guerra (1914-1918) e os 75 anos do final da Guerra Civil Espanhola (1936-1939). Em seu bojo, traz o tema dos conflitos bélicos presentes na literatura que, naquele mundo ficcionalmente representado, interrompe o silêncio das vítimas e denuncia o sofrimento vivido naquelas situações. Para tanto, o material está dividido em duas seções: a primeira compõe-se de dezesseis artigos a respeito das lutas armadas e cita autores e obras legitimados em suas diversas abordagens; a segunda parte contém sete resenhas de livros teóricos e críticos acerca de estudos da literatura infantil e juvenil, cujo objetivo principal é fazer uma apreciação dos materiais recentemente publicados para divulgá-los aos interessados da área.

O primeiro texto, “Escrever para crianças sobre a guerra”, de Luísa Ducla Soares, é bastante poético. Apresenta na primeira pessoa do discurso lembran-

ças tristes da época de criança em Portugal em meio à II Guerra, e salienta que o melhor dia foi aquele que findou o conflito. Relata também os textos lidos durante a infância que se referiam à guerra, mas que não pertencem à LIJ, e apresenta a produção de poemas e narrativas. Para Soares, “a literatura possui uma força que ultrapassa os limites do tempo, do espaço” (p. 26), por isso, defende que um escrito pode tocar o leitor mais do que uma realidade. Desse modo, acredita que é necessário dar acesso à criança à realidade da guerra em uma porção que não gere desesperança (p. 33) e que lhe permita ganhar consciência dos “silêncios e [d]as vozes abafadas contra a guerra em Portugal (p. 30). Sustenta, por fim, em tom emotivo, que “Escrever para elas [as crianças] sobre a guerra é tentar vaciná-las para a paz.” (p. 35)

Elisama Oliveira centra-se em “Peregrinação entre Fernão Mendes Pinto e Aquilino Ribeiro: dos trabalhos que “O pobre de mim” passou no oriente” para fazer uma análise de aspectos temáticos, estilísticos e composicionais do livro **Peregrinação**, de Mendes Pinto, e de sua adaptação para a LIJ feita por Ribeiro. Primeiramente, divulga a biografia dos autores e depois segue com comentários acerca dos livros para destacar a relevância do material para compor o patrimônio da identidade portuguesa. Reconhece, sobretudo, que a adaptação é modalidade do clássico, capaz de reformulá-lo sem distanciá-lo da leitura primeira, sem, tampouco, reduzir sua qualidade estética ou infantilizar o público. O resultado, assim, é uma aproximação do texto da clientela infantil e juvenil, é uma maneira de prolongar o estatuto do cânone e de dar acesso à leitura do original, uma vez que “Ler um clássico apresenta-se como um processo que se revitaliza e potencia mediante as leituras que deles se fazem em épocas distintas da vida.” (p. 47)

Para a leitura de **De como Portugal foi chamado à guerra**, de Ana de Castro Osório, Sara Reis da Silva resgata a trajetória da autora enquanto precursora da literatura de cunho feminista em Portugal e, principalmente, como editora e autora de livros infantis. Nesse último caso, adquire relevo não apenas as traduções e adaptações dos contos populares de Grimm e Andersen, como produções próprias, marcadas por uma postura cívica e patriótica. A leitura da obra em questão leva, pois, em consideração, os valores centrais do republicanismo: educação e formação, entre os jovens, da consciência cidadã. Assim, a obra configura-se como um registro da história, e a construção argumentativa revela a defesa heroica da participação de Portugal durante a primeira grande guerra. Silva descreve a materialidade da obra – extensa, desprovida de ilustrações que possam auxiliar leitores incipientes – e ressalta, ao lado de uma “intensão declaradamente política” (p. 64), a visão crítica do real dada por Ana de Castro Osório ao público mirim.

José António Gomes em “Da inocência agredida à ‘inocência recompensada’: Aquilino Ribeiro e Menezes Ferreira” traça um panorama de obras da literatura portuguesa que, em verso ou em prosa, ao longo do século XX e início do XXI, abordam a representação da guerra e da paz para a infância e a juventude. Em seguida, detém-se sobre dois títulos – “João ninguém: soldado da grande guerra”, do escritor e cartunista João Guilherme de Menezes, escrita em 1921, e o conto “O filho de Felícia ou a inocência recompensada”, de Aquilino Ribeiro, obra de 1936, ambas reeditadas na atualidade sob um viés em comum: soldados portugueses, camponeses, anônimos, submetidos ao contexto da guerra. No primeiro caso, a temática é representada através de discurso realista permeado, contudo, de humor e até certo lirismo. O trabalho gráfico, outro ponto forte da narrativa, configura-se extensão de sentidos – crueldade, medo, violência, solidão – associados à despreparada tropa portuguesa. No conto, o discurso crítico é deflagrado a partir da figura de anti-herói Pedro, na exploração de uma série de pares temáticos (“campo vs. cidade”, “pobre vs. Poderoso”, “inocente vs. autocrata” etc.), em uma narrativa que mistura elementos do conto tradicional e da narrativa pitoresca. Para Gomes, embora recompensado, Pedro reproduz a imagens dos outros “João Ninguém”.

Para Madalena Teixeira da Silva, a literatura portuguesa não apresenta uma significativa produção de títulos que abordem de forma realista a significação da guerra. Nesse contexto, em “Transferência de memórias: a ideia de guerra na literatura infantil e juvenil”, Silva assinala dois títulos de Ilse Loca, cujo tema não aparece diluído, ao contrário, é compreendido como “testemunho direto da experiência de guerra”. Assim, em **O mundo em que vivi** é através do olhar de Rose, judia, vivenciando o período de transição entre a infância e a adolescência, que o leitor entra em contato com a situação de guerra: morte, escassez de alimentos, xenofobismo, desilusão. Uma batalha que se faz sentir também no dia a dia da protagonista de modo intenso, dado, inclusive, a dificuldade de compreensão. A narrativa, notadamente intimista, apresenta momentos de profundo lirismo, sem abrir mão do tom crítico. No conto “Apesar de tudo”, a memória é ainda o fio condutor, porém o texto é antecedido por uma introdução – “Para compreender melhor a história” – que contextualiza a conjuntura política e ideológica assumida pela Alemanha nas duas grandes guerras e traz um resumo da vida dos personagens. Assim, as sequelas da guerra são ilustradas através de Marta, que guarda os acontecimentos do passado, mas precisa superá-los. Segundo Silva, a mensagem do conto é dupla: manter a memória e, ao mesmo tempo, promover uma cultura de paz.

Para refletir acerca do comedimento relacionado ao tema da guerra colonial de Portugal, Ana Margarida Ramos escreve **Contornando o silêncio: a**

guerra colonial na LIJ portuguesa, por meio de análise de narrativas para infância e juventude selecionadas em um escasso acervo que aborda marcas da ditadura, censura, falta de liberdade e perseguição política. Para a pesquisadora, há poucos textos em circulação porque 1) é reduzido o número de autores que tenham proximidade com o conflito e que tenham experiência com a LIJ, também 2) por ser um tema tabu. Para contribuir com os estudos, disserta sobre *O Soldado João* (1973), de Luísa Ducla Soares, *A Guerra dos Fazedores de Chuva com os Caçadores de Nuvens* (2006), de Luandino Vieira, e *Lá onde o sol castiga mais* (2008), de Jorge Ribeiro.

Ana Margarida Ramos também escreve o ensaio *A busca da felicidade nas palavras*, a propósito da publicação de *O Gato Karl – a Palavraria*, de Francisco Duarte Mangas e expõe o lirismo e o tom metalinguístico do livro, o qual conta com personagens que buscam superar dificuldades, espalhar alegria, ajudar a humanidade, façanhas possíveis com o auxílio das palavras do gato, que têm como objetivo mudar o mundo.

Em *Conflitos Bélicos nos inícios da literatura infantil e juvenil galega*: Camilo Díaz Baliño e Xosé Neira Vilas, Carmem Ferreira Boo analisa duas obras pioneiras no panorama literário galego a abordar o tema da guerra aos leitores incipientes. *Contos de Guerra* (1928), de Camilo Díaz Baliño, é a primeira explorar o conflito bélico na literatura infantil galega através da história da Guerra da Independência. Organizado em duas partes, o enredo assume um tom eminentemente educativo e nacionalista. Assim, além de situar e justificar a Guerra da Independência, a intensão nacionalista torna-se evidente no heroísmo do soldado ferido, na valorização da raça ou através do sentimento de saudades da terra natal, e se estende ao trabalho gráfico, assinado por Baliño, escritor e ilustrador. O período que antecede a publicação de *Aqueles Anos do Moncho* (1977), de Xosé Neira Vilas, é marcado pela censura imposta pela Guerra Civil espanhola e que também afeta literatura infantil e juvenil. Nesse contexto, o título indica o relaxamento de um longo período de ditadura e aborda de forma direta o conflito. Para Boo, trata-se de uma obra ambivalente ou de fronteira, por situar-se entre a literatura para adultos e a literatura juvenil. Neste caso, por meio do narrador onisciente, o leitor conhece a trajetória de Mocho, da adolescência à fase adulta, comprometida pelas consequências da Guerra Civil: o temor da guerra, dos tiroteios, da morte, do silêncio. A guerra rompe com a vida pacata da aldeia do interior da Galícia e passa a estar presente em tudo. Como pano de fundo, destacam-se temas decorrentes do contexto de guerra: crítica social ao Estado, à Igreja, responsáveis pela disseminação de ideias fascistas e autoritárias, e o tema da imigração, a partir do qual revela-se a pobreza.

Eulalia Agrelo Costas dedica-se à escrita de **A guerra na obra de Agustín Fernández Paz**. Começa discorrendo acerca dos prêmios recebidos por esse consagrado autor e ressalta que sua obra literária se destaca pelos jogos intertextuais, pelo amor, pelos mistérios e pelo protagonismo feminino. Neste ensaio, Costas analisa o que se considera a trilogia da memória ou o ciclo das sombras (p. 136) a que pertencem o relato **As sombras do faro** e as novelas **Noite de voraces sombras** e **Corredores de sombra**. No comentário, realça o temor social vivido na época, a morte e o horror, as consequências, enfim, da batalha civil espanhola expressos nessas três narrativas. Segundo a autora, Fernández Paz recupera a memória das vítimas por meio da escrita literária, versa sobre seus dramas e auxilia-as a minimizar as marcas dessa disputa (p. 135).

Na perspectiva de Isabel Mociño González, em **A grande guerra na literatura infantil e juvenil galega: U-49** de Rafael Lema, o tratamento dado à guerra na literatura infantil e juvenil galega tem suscitado uma visão crítica acerca das consequências dos conflitos bélicos na vida das pessoas, ao contrário da representação adotada pela linguagem cinematográfica, em geral, pouco realista. Como exemplo, destaca o trabalho de Rafael Lema, autor que dialoga com o público jovem através de uma linguagem bastante atual e temas que abordam desde as clássicas novelas de aventuras, estabelecendo intertexto com obras universais – **Tom Sawyer**, **Robson Crusóe** – até assuntos familiares ao leitor juvenil: drogas, ecologia. A novela história **U-49** (2007), entretanto, tem como contexto a II Grande Guerra, e revela a Galícia como lugar estratégico no universo das comunicações marítimas. A obra resgata o conflito vivido no mar a partir do título, referência ao famoso submarino alemão U-49, num enredo repleto de mentiras e mistérios e também dados verídicos, como o número de soldados mortos e o sofrimento da população. Para Isabel González, trata-se de uma novela de “interação e aprendizagem” (p. 169) em que o protagonista, um adolescente de 18 anos, amadurece não apenas por estar longe da segurança familiar, mas também sofre – e cresce – com a realidade observada naquele cenário. A viagem física à Galícia converte-se, assim, numa viagem interior.

No ensaio de Blanca-Ana Rog Rechou – **Paula Carballeira na literatura infantil e xuvenil galega. O Principio, entre a perda e a esperanza** – o leitor se familiariza com a produção de excelência da poetisa e dramaturga Paula Carballeira, representante da “geração dos 90” da literatura infantil e juvenil galega, e se aproximam da chave de sua poética literária: o trabalho com elementos da narrativa oral, o uso de tipologias textuais variadas e o emprego de diferentes recursos linguísticos (humor, absurdo, ironia) na construção dos textos, entre outros aspectos. Na análise de “O principio”, Blanca destaca o tratamento dado

ao álbum, em que a linguagem visual e textual se complementam, e a representação dos efeitos históricos da guerra associam não apenas ao sofrimento e à perda de bens materiais, mas sobretudo à possibilidade de reconstrução, através da união familiar, sinônimo de coragem e esperança. A construção da obra evidencia ainda uma crítica mordaz às múltiplas guerras e no contexto de destruição, o valor dos livros são lidos como “ferramentas pacíficas” e as bibliotecas como “depositarias dunha sabedoria que destrúe a violencia” (p.222).

Em continuidade, a segunda parte do livro é composta por sete resenhas de autoria de Ana B. M. Rodríguez, Laura B. Casás, Inés S. Días-Marta, Verónica C. Vila, Blanca-Ana R. Rechou, Ana M. Ramos e Carina Rodrigues que apresentam livros teóricos e críticos atuais e significativos da LIJ.

Educación literaria e literatura infantojuvenil / Educación literaria e literatura infantil e xuvenil, de Blanca-Ana Roig Rechou, é um material que compila perspectivas acerca da definição da LIJ, trata de seu reconhecimento, bem como de sua função social, do papel dos prêmios literários, da escola e da crítica. Os ensaios revelam também a superação do questionamento quanto ao estudo da LIJ como campo legítimo de investigação e insistem na necessidade de trabalhar a favor da educação literária, a fim de fomentar uma sólida formação de mediadores.

O livro **De la literatura infantil a la promoción de la lectura**, de Sandra Álvarez Ledo, Carmen Ferreira Boo e Marta Neira Rodríguez (orgs.), é dividido em quatro partes, com temáticas que discorrem sobre a promoção da leitura, sua relação com o desenvolvimento da competência leitora da literatura, o papel da dinamização de bibliotecas, material que inclui um CD ROM com trabalhos, resumos e palavras-chave de publicações da área.

Maria Jesús Agra Pardiñas é a autora do livro **Historias en torno al arte y a La educación artística: notas para un posible diario**. Em formato de diário íntimo, o material expõe atividades e experiências de sua autora, discute questões relacionadas à evolução docente e discente, além de fazer reflexões sobre a educação artística que, para ela, é uma forma de reconstruir e reorganizar o pensamento.

The representations of Spanish Civil War in European Children's Literature (1975-2008), de Blanca-Ana Roig Rechou e Veljka Ruzicka Kenfel (orgs.), é uma coletânea de artigos a respeito de representações da Guerra Civil espanhola presentes na LIJ. Os ensaios expõem uma análise de características literárias da produção selecionada e possibilitam ao leitor ter uma visão acerca da abordagem temática, de estrutura, paratextos, personagens, estilo, ilustração nela contida.

Casas muito doces: reescritas infanto-juvenis de Hänsel e Gretel, de Sara Reis da Silva, apresenta um estudo que revisita textos clássicos da tradição oral

da obra dos irmãos Grimm e propõe uma leitura que destaca peculiaridades estéticas desses textos publicados em épocas diferentes.

A penúltima recensão é do livro **Pensamento que respira e palavra que arde**, de João Manuel Ribeiro. Traz um conjunto de oito ensaios acerca da poesia voltada para crianças e jovens, cujos autores consagram-se pela sua importância no panorama literário português contemporâneo. Apresenta, também, reflexões a respeito da leitura da poesia em contexto escolar.

Por fim, **Historia da literatura infantil e xuvenil galega**, coordenado por Blanca-Ana Roig Rechou, disserta acerca de um percurso histórico do sistema literário infantil e juvenil galego da Idade Média até a contemporaneidade. São seis capítulos que analisam obras literárias canônicas da LIJ.

De como a Literatura para a Infância e a Juventude “é chamada à guerra”: reflexões sobre os conflitos bélicos na Galiza e em Portugal é, portanto, uma leitura para todos aqueles que se interessam pelo tema, que desejam ampliar conhecimentos e que vislumbram novas perspectivas de pesquisa, livro recomendado também a docentes que podem se apropriar da coletânea literária citada ao longo do volume para propor ações de mediação de leitura, para fomentar o debate em sala de aula, para dar voz àqueles que, ainda jovens, acompanham pelo noticiário muitos conflitos que desrespeitam a vida, roubam a serenidade e infringem o direito de ter dignidade. E, parafraseando as organizadoras deste livro aqui resenhado, o tema da guerra transgride a maioria das publicações voltadas para o público infantil e juvenil, por esse motivo, é necessário que não seja escamoteado dos círculos de leitura e discussões e sim que se faça presente.